

PERSPECTIVAS

VOL. II

Filosofia,
Psicanálise e
Antropologia

Amaury Meller Filho
Daniela Valentini
Junior Cunha
(Organizadores)



PERSPECTIVAS

Amaury Meller Filho
Daniela Valentini
Junior Cunha
(Organizadores)

PERSPECTIVAS

Filosofia, Psicanálise e Antropologia

Vol. II

Primeira Edição E-book



TOLEDO-PR
2020

Copyright 2020 by Organizadores
Gerente Editorial Ana Karine Braggio
Revisão Amanda C. Schallenberger Schaurich
Mônica Chiodi
Editores Assistentes José Luiz G. Mariani
Medéia Lais Reis
Valdenir Prandi
Corpo Científico Dr. José Aparecido Pereira - PUCPR
Dr. Lorivaldo do Nascimento - UFFS
Dr.^a Lurdes de Vargas Silveira Schio - UNIOESTE
Dr. Tiago Soares dos Santos - IFPR
Capa e Diagramação Junior Cunha

Instituto Quero Saber

CNPJ: 35.670.640./0001-93

www.institutoquerosaber.org

editora@institutoquerosaber.org

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

P466 PERSPECTIVAS: filosofia, psicanálise e
antropologia - vol. II. / organizadores,
Amaury Meller Filho, Daniela Valentini, Junior
Cunha. 1. ed. e-book - Toledo, Pr: Instituto
Quero Saber, 2020.
118 p.

Modo de Acesso: World Wide Web:
<<https://www.institutoquerosaber.org/editora>>
ISBN: 978-65-87843-13-1

1. Filosofia. 2. Psicanálise. 3. Antropologia.
I. Título.

CDD 22. ed. 100

Rosimarizy Linaris Montanhano Astolphi - Bibliotecária CRB/9-1610

Todos os direitos reservados aos Organizadores

O conteúdo dos textos aqui publicados é de exclusiva responsabilidade dos seus respectivos autores

SUMÁRIO

Apresentação	7
I “EMPODERAMENTO DIGITAL”? SUAS IMPLICAÇÕES NO <i>ETHOS</i> E NA ATIVIDADE POLÍTICA ATUAL	
<i>Rodrigo Lopes Figueiredo</i>	
<i>Marta Rios Alves Nunes da Costa</i>	11
II ELEMENTOS INTRODUTÓRIOS À <i>METAFÍSICA</i> DE ARISTÓTELES	
<i>Igor de Matos Ramos</i>	45
III EPISTEMOLOGIA GENÉTICA E A PSICANÁLISE: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL	
<i>Fernando Alves Grumicker</i>	61
IV COMENTÁRIOS SOBRE O EXISTENCIALISMO SARTREANO E A PEÇA <i>ENTRE QUATRO PAREDES</i>	
<i>Cristiele Rhoden</i>	
<i>Junior Cunha</i>	81
V REAÇÕES PESSOAIS FRENTE ÀS NOVAS CONFIGURAÇÕES DE CIDADE: (SOBRE)VIVER NA PANDEMIA	
<i>Marina Garcia Lara</i>	
<i>Aloir Pacini</i>	93

II

ELEMENTOS INTRODUTÓRIOS À *METAFÍSICA* DE ARISTÓTELES

Igor de Matos Ramos *

Resumo: A *Metafísica* de Aristóteles é um livro denso e de difícil compreensão. Embora estruturado por um encadeamento lógico primoroso, o texto em si, bem como suas traduções, podem causar confusões em leitores desatentos. Por ser uma obra essencial no cenário filosófico, em geral, é apresentada aos estudantes de filosofia no início de suas vidas acadêmicas. Pareceu-me importante, portanto, desenvolver um trabalho de introdução aos seus conceitos mais elementares, como ente, ser, substância, ato e potência. Assim, o objetivo desse trabalho é desenvolver, por meio de uma análise à *Metafísica* de Aristóteles e a *Metafísica antiga e medieval* de Rosset e Frangiotti, elencar e elucidar os elementos introdutórios da Filosofia Primeira. Destacar-se-á ainda, o motivo pelo qual Aristóteles denomina essa ciência como Filosofia Primeira, e, por conseguinte, relacionarei, se possível, a significação desse termo com a teleologia aristotélica.

Palavras-chave: *Metafísica* de Aristóteles. Filosofia Primeira. Teleologia Aristotélica.

Abstract: Aristotle's *Metaphysics* is a dense and difficult to understand book. Although structured by an exquisite logical chain, the text itself, as well as its translations, can cause confusion for inattentive readers. Because

*Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

E-mail: igordematos.academico@outlook.com.

it is an essential work in the philosophical scene, in general, it is presented to philosophy students at the beginning of their academic lives. It seemed important, therefore, to develop a work of introduction to its most elementary concepts, such as being, being, substance, act and potency. Thus, the objective of this work is to develop, through an analysis of Aristotle's *Metafisica* and Rosset and Frangiotti's *Metafisica antiga e medieval*, to list and elucidate the introductory elements of First Philosophy. It will also be highlighted the reason why Aristotle calls this science First Philosophy, and, therefore, I will relate, if possible, the meaning of this term with Aristotelian teleology.

Keywords: Aristotle's metaphysics. First Philosophy. Aristotelian Teleology

2.1 INTRODUÇÃO

Antes de mergulhar nas trincheiras do pensamento aristotélico, é importante ter uma breve noção do que é metafísica. Impermeada de conceitos complexos e termos intraduzíveis¹. A obra *Metafisica* carrega logo em seu título um significado importante, que já nos instiga a buscar compreender do que se trata, o que é, e porque é filosofia primeira.

Aristóteles (384 a 322 a.C.) jamais utilizou o termo metafísica, que tem uma origem bem peculiar. A historiografia nos mostra que o termo surge com o bibliotecário Andrônico de Rhodes (50 a.C.), que, ao catalogar a biblioteca pessoal de Aristóteles, se deparou com uma série de livros que não tinham título. Sem se preocupar em entender sobre o que se tratavam, colocou-os ao lado dos livros dedicados à

¹ Alguns termos em grego não encontram até hoje termos equivalentes em diversas línguas, razão disso é o fato de carregarem significados complexos de uma língua arcaica.

física, e nomeou esse conjunto desconhecido como “*metà tá physikà*”. Metafísica, portanto, significaria, ao pé da tradução, *além*, ou *ao lado da física*. Embora não seja um termo criado para a definição que carrega, o seu significado se encaixa no conteúdo abordado pelos textos, pois esses tratam de coisas suprassensíveis, ou seja, que estão para além das coisas sensíveis, ou físicas.

Diferentemente das ciências, como afirmam Rosset e Frangiotti (2012, p.7), não é possível determinar uma cronologia ou uma história da metafísica. Trata-se de uma área do conhecimento que trabalha principalmente no campo das teorias e da investigação de mistérios, ou problemas, que nem sempre estão ligados a objetos. Nesse sentido, justifica-se a premissa, dos autores citados acima, de que a metafísica não tem passado, visto que os mesmos problemas, colocados por filósofos de outras épocas, ainda se mantêm vivos. Portanto, não se pode afirmar que uma nova teoria torne a outra obsoleta ou ultrapassada.

O homem, por possuir uma inquietude nata, não se basta com a realidade dada, ou seja, não se limita a aceitar a realidade que lhe é apresentada pelos sentidos. Sendo assim, sua racionalidade e inquietude lhes levam a buscar o “fundamento constitutivo do real”. Surge dessa imersão racional do homem na busca pelo princípio primeiro das coisas, a pergunta pelo ser². A questão do ser é, além do princípio da investigação metafísica, o seu verdadeiro alicerce. Grosso modo, o ser é o objeto do estudo metafísico, o que significa que, ao abandonar a busca pelo ser, o filósofo também abandona a própria metafísica.

Ao buscar o “princípio da natureza/cosmos” (*archē* da *physis*), os primeiros filósofos iniciam uma deliberação metafísica. No entanto, o ser se torna o objeto principal desta “investigação” a partir

2 Cf. ROSSET; FRANGIOTTI, 2012, p.8.

de Parmênides. Segundo sugerem Rosset e Frangiotti (2012, p.8): “Parmênides, ao indicar o ser como fundamento único, idêntico, eterno e imutável da realidade, fez surgir a investigação metafísica”. Essa se desenvolveu, com maior notoriedade, graças às contribuições de Platão e Aristóteles, o que fez com que ambos nortegassem os estudos posteriores do ser, e da filosofia, uma vez que a metafísica foi o objeto supremo de estudos da filosofia até a modernidade.

O próprio Aristóteles apresenta a sua “filosofia primeira” como a ciência menos necessária, ou seja, do ponto de vista utilitarista, a menos útil de todas. No entanto, ele salienta que nenhuma ciência é melhor que a dita metafísica³. Ainda afirma o filósofo que a filosofia é a mais primordial por se tratar de uma ciência que não tem utilidade ou finalidade outra, se não nela mesma. Ora, como dizem Rosset e Frangiotti (2012, p.9): “trata-se do testemunho de que ela não está subordinada a nenhuma finalidade exterior, mas, antes, contém em si a razão do seu próprio existir”.

Por não ser possível traçar uma linha cronológica histórica da metafísica, outra crítica se faz a ela: por ser inatual, ou seja, estar fora do seu tempo, visto, inclusive, que essa já é tratada como uma ciência obsoleta, pelos adeptos da teoria do conhecimento. Porém, vale salientar, que a pergunta pela existência jamais deixou de perturbar o intelecto daqueles que buscam conhecer o suprassensível: a questão do que é o “ser” permanece viva.

A metafísica é apresentada, outrossim, como uma ontologia, ou seja, o estudo do ente enquanto ente. Do ponto de vista teológico, a partir da compreensão do ente pelo ente o ser se mostra como fonte originária. Transcendente. Deste modo, o logos nos é apresentado como inteligibilidade, e a nossa busca pela inteligibilidade última é a

³ Aristóteles não usa o termo metafísica, pois esse termo só surge séculos depois dele.

responsável por transformar o homem em um ser pensante autônomo. A metafísica é ainda caracterizada como ciência, mas tendo como condição necessária para tal a afirmação do transcendente, no ato da busca pelo conhecimento das coisas (entes), e da razão⁴.

Outro ponto, abordado também por Rosset e Frangiotti (2012, p. 10), é a relação entre a metafísica e a ontologia. A palavra ontologia, grosso modo, quer dizer estudo do ser, de tal modo que possibilita tratá-la como sinônimo de metafísica, o que é até natural para uma parte dos filósofos posteriores a criação deste termo. Mas afinal, qual dos dois termos seria mais adequado para tal definição? Para alguns, de acordo com a etimologia de *ontologia*, essa seria mais adequada para nomear o estudo da filosofia primeira, que se trata do estudo do ser. Igualmente, não se pode negar o peso da tradição dentro da filosofia, o que levou a maioria dos filósofos a repudiarem a substituição do termo. Afinal, Aristóteles atribuiu também a sua filosofia primeira, a busca pelas causas e princípios constitutivos do real.

2.2 FILOSOFIA PRIMEIRA

Na primeira frase do livro *Alfa* da *Metafísica*, Aristóteles já dá indícios de uma das características principais de toda a sua filosofia, a teleologia⁵. Ao afirmar que todos os homens propendem ao saber, ele eleva o saber ao patamar de bem/fim em si mesmo. A teleologia não

4 Cf. ROSSET; FRANGIOTTI, 2012, p.11.

5 O termo teleologia deriva do grego *télos* (τέλος), que em português significa propender/finalidade. É usado para se referir a filosofia aristotélica, justamente por essa se tratar de um pensamento onde tudo tem uma finalidade última, que remete sempre a um bem em si mesmo.

é um elemento presente apenas na filosofia primeira de Aristóteles, mas perpassa todas as suas obras: na obra “A política”, por exemplo, o fim em si mesmo, para aonde todos os homens, por natureza, se voltam, é a *pólis*.

Partindo da premissa de que existe uma realidade em si, e de que é possível chegar ao conhecimento verdadeiro estudando-a racionalmente, assenta-se a metafísica. Contudo, sabe-se que não é este o termo utilizado por Aristóteles. Filosofia primeira, como ele a denominava, trata-se da ciência que tem precedência em importância sobre todas as outras ciências, pois estuda o ser, de forma universal. O constitutivo de tudo o que é. A ciência que estuda toda e qualquer forma dos entes, e mais que isso, estuda a substância universal presente em todos eles, sendo assim, ela é, portanto, precedente sobre as demais ciências, justificando a sua nomenclatura.

Para Aristóteles, a substância que não está sujeita ao movimento, não é material e é divina, trata-se do primeiro motor imóvel, que deu início a todo o movimento do universo⁶. A partir da hipótese da existência de uma substância que independe da natureza, deve haver também uma ciência que a estude: essa ciência é a filosofia primeira.

A estima pelas sensações, segundo Aristóteles, é o que nos direciona a sapiência, e entre as sensações, ele diz ser a visão a mais estimada, o que é uma doutrina propriamente platônica: entre todas as sensações, nós preferimos ver, pois a visão é a que mais nos aproxima do conhecimento.

Ao passo em que conhecemos o mundo e suas diferenças através das sensações, somos dotados de memória, o que nos possibilita sentir e armazenar lembranças, não sendo necessário que passemos novamente por determinadas situações, uma vez que, já

6 Cf. ROSSET; FRANGIOTTI, 2012, p.14.

tendo vivenciado determinada sensação, a guardamos na memória. Da memória que guardamos de tais sensações, obtemos o aprendizado, que, por sua vez, é ilimitado e particular: somos capazes de, ao longo da vida, acumular o aprendizado sobre inúmeras situações, de maneira que jamais sobrecarregamos nossa capacidade de aprender; na medida em que o homem aprende sobre situações particulares, e tem acesso a várias recordações de um mesmo fato, surge diante⁷ dele a experiência. A experiência nos faz capaz de conceber a técnica: essa é produto de uma deliberação acerca daquela; sendo a experiência sempre ligada ao particular, quando nos encontramos repletos de experiência, se faz possível a determinação de uma noção universal daquilo que é semelhante.⁸ O conjunto destes aspectos que levam ao saber estão, ou devem estar sempre relacionados. Um não é possível de ser executado em sua máxima perfeição sem os que o precedem. Na ocasião do agir, a experiência e a técnica, segundo o próprio Aristóteles (2008, p.10), não são tão diferentes, sendo ainda possível determinar que a experiência é menos suscetível ao fracasso do que a técnica desvinculada da experiência, e a razão disso é que a técnica é sempre universal e a experiência é, assim como o agir, sempre associada ao particular: o médico jamais cura os homens, mas cura Saulo, Gabriela, Lucas, ou qualquer um que de outra forma seja chamado. É possível, através da técnica, criar e entender o que levou todos a febre e desenvolver um método para evitá-la, eu entender que remédio funciona para todos, no entanto, ao tentar curá-los, a técnica, desligada da experiência, não permite ao médico compreender as particularidades dos organismos de cada um, ou que remédio

7 A experiência e o aprendizado não cessam, nem se esgotam; sempre há algo para aprender e sempre há capacidade no intelecto para tal empreendimento.

8 Cf. ARISTÓTELES, 2008, p.9.

funcionaria para Saulo, que é alérgico, ou, para Gabriela, que está grávida.

É importante salientar, que, embora seja assim no agir, ao considerar a sapiência e o conhecimento, a técnica está mais próxima do que a experiência: os que possuem somente experiência conhecem aquilo que fazem, no entanto, os que possuem a técnica conhecem tanto o que, quanto o porquê de fazer aquilo. Ora, saber ensinar é característica daqueles que tem o conhecimento, e os que tem técnica, sabem ensinar melhor que os que tem apenas a experiência.

Aristóteles (2008, p. 11) acreditava que os primeiros a inventar técnicas provavelmente foram chamados de sábios, não por criar algo útil, mas por serem mais sábios e diferentes dos demais, e com o tempo outros foram criando técnicas, e estes eram vistos como mais sábios que aqueles, pois suas técnicas eram voltadas ao lazer. E quando todas as técnicas assim já tinham sido criadas, surgem as ciências. E a primeira a surgir é a matemática no Egito, porque lá os sacerdotes tiveram ócio e lazer.

O mais sábio é, portanto, aquele que possui o conhecimento das coisas universais, e conhece das coisas as quais o homem comum não tem conhecimento. Associamos, então, a sabedoria, as ciências que são mais exatas, sendo estas as primeiras: as ciências que precedem as outras tem menos princípios e acréscimos que aquelas que as sucedem; por isso determina-se que as ciências que podem mais facilmente associar-se a sapiência são as ciências universais e primeiras (causas).

2.3 O ENTE

Há uma ciência que estuda o ente enquanto ente, mas não um ente em particular, e sim o ente propriamente dito. Diferente das demais ciências, que estudam entes particulares e suas especificidades, a filosofia primeira estuda o ente por si mesmo, de forma universal; visto que procuramos as causas e princípios primeiros, devemos observar as realidades que são em si mesmas⁹.

A metafísica utiliza-se de objetos para chegar ao ser, esses objetos são separados entre formal e material; o objeto material com o qual a metafísica trabalha é o ente, mais precisamente, todos os entes, ou seja, todas as coisas materiais que compõem o mundo; já o objeto formal é o ser enquanto ser¹⁰. Mesmo que o objeto formal seja o ser, aquele que o estuda não encontra o ser diretamente, mas pode conhecê-lo unicamente através do ente.

Justifica-se, então, afirmar que o ente é condição necessária para se conhecer o ser, porém, não se pode pensar o ente sem que ele tenha em si o ser. O ente possui ser, mas não é ser; o ser dá a característica constitutiva de o ente ser o que é. Por exemplo, uma garrafa de água pode ser descrita como sendo de plástico ou vidro, ou, por dentro, um receptáculo de água, mas só pode ser dita deste modo porque é garrafa. Antes de se definir a garrafa ela deve ter *forma* de garrafa.

O ente pode ser dito como: o que é; o que existe; o que é real. E são três os tipos de entes: o ente atual é que existe e é real, independente da consciência; o ente de razão refere-se aos conceitos ou realidades criadas na nossa consciência pela racionalidade, mas não deixam de serem reais e existirem, na nossa inteligibilidade, não

9 Cf. ARISTÓTELES, 2005, p.131. [1003a2]

10 Cf. ROSSET; FRANGIOTTI, 2012, p.20.

podendo se tornar ato; e o ente possível é aquele que está na razão, mas pode se tornar ato, através da criação humana¹¹. O ente ainda pode ser de quatro modos: Concomitante ou acidente (*symbébekos*); o ente enquanto *dynamis* e *energueia* (potência e ato); enquanto verdadeiro e falso e como categorial.

2.4 ASPECTOS DA FILOSOFIA PRIMEIRA

Aristóteles afirma a filosofia primeira como sendo, das ciências teóricas, a primordial, e denomina também como objeto de estudo da teologia. O filósofo diz que os entes – existências que encontramos corriqueiramente no cotidiano – são existências contingentes, o que, dito de outro modo, significa que estas existências não são necessárias, poderíamos (a totalidade dos entes) tanto existir quanto não existir.

Havendo existências não necessárias, e tendo essas se fundado em outras, deve haver então uma existência autofundada, que não é contingente e que é eterna e imóvel - pois o movimento é fundamento do contingente – esta existência é Deus, e sua existência é tão certa quanto às demais existências.

Aristóteles marca a ‘metafísica’ como ciência de caráter universal, pois estuda o ser em todos os seus aspectos, e em todas as coisas que, por lhes conferir o ser, são. Além do mais, a metafísica busca também, além do sensível, o suprassensível, aquilo que está além da matéria, portanto, o que dizemos divino. A metafísica é, efetivamente, a ciência divina, portanto, tem mais autoridade que quaisquer outras ciências.

11 Cf. ROSSET; FRANGIOTTI, 2012, p.21.

4.1 Ousía ou Substância

Antes de analisar a tradução do termo grego *ousía*, tratarei do esclarecimento deste termo. A tradição filosófica optou por traduzir *ousía* como substância e utilizar-se do termo essência para se referir ao termo grego *tó tí en einai* – que na tradução literal seria “aquilo que era ser” – por isso utilizarei o termo substância para lidar com o equivalente grego *ousía*.

A substância para Aristóteles refere-se a categoria fundamental do ente, ou seja, o “o que é” do ente. Uma garrafa pode ser azul ou branca, de vidro ou barro, grande ou pequena, ou conter quaisquer outros predicados destes que pertencem a categorias efêmeras do ente. Porém, o “ser receptáculo vedado” é substancial da garrafa: não se pode ser garrafa se não for receptáculo vedado.

São categorias separáveis substanciais do ente aquelas sem as quais o ente não pode ser o que é, como o exemplo acima da garrafa. E são categorias efêmeras aquelas que são acidentais, ou seja, não interferem no ser do ente: sendo estas qualidades, quantidades, tempo e relação. A substância (*ousía*) pode ser dita, assim como o ente, de quatro modos: *to tí en einai* (aquilo que era ser); *khatolou* (universal); *genos* (gênero); e *hypokeimenon* (subjacente).

4.2 O ser

Saindo do ente, passando pela substância e chegando no ser, tem-se uma linha aproximando cada um destes conceitos para facilitar o entendimento. Inicia-se aqui o trabalho com termo “ser”.

Ser na metafísica é entendido como elemento principal do ente, ou seja, aquilo que torna o ente o que ele é. Sem o ser o ente nada seria, e, por conseguinte, não existiria. O ser não se trata de uma realidade meramente física ou material, por isso é metafísico. O ente seria então a manifestação da substância do ser. O ser possui três usos: o predicativo, predicando sempre um sujeito, ou seja, o que se diz do

sujeito; o uso existencial, ou o ser como existência do ente; e o participativo, o ser como ato, entendido com aquilo que possui ser.¹² O ser é, portanto, um ato universal, pois tudo é, e tudo é contido pelo ser, o ser está, concomitantemente, em tudo. Embora ser e existir não sejam sinônimos, existir é condição suficiente para ser, e, o ser, é condição necessária para o existir:

O ser não é o mesmo que existir, ambos não são sinônimos. O ser é o fundamento do ente e conseqüentemente, de sua existência. Quando falamos que uma coisa existe, queremos enfatizar que está efetivamente aí, que não é o não ser, o nada. O ser é propriedade mais íntima das coisas, aquilo que faz as coisas existirem. Portanto, a existência não é o ser, mas o resultado do simples fato de os entes possuírem o ser (ROSSET; FRANGIOTTI, 2012, p. 24).

Diferentemente de Platão, Aristóteles acredita que o ser não está separado do ente ou inacessível através dele, mas afirma que o ser se encontra ao analisar as suas manifestações nos entes. Ao dizer que o ser se diz de várias maneiras, Aristóteles quer elucidar que o ser se apresenta, ou se manifesta, nos entes de diversas formas, ou seja, não é algo imutável. Se a forma correta de interpretação do ser é através da substância (*ousía*), então encontramos uma diversidade infinita de suas manifestações, pois a substância é algo individual, de cada ente, embora possa ser universal como característica de ser algo, como no exemplo da garrafa: a substância de garrafa é universal, mas a substância de uma determinada garrafa é individual.

Rosset e Frangiotti (2012, p. 64) dizem ser substância o termo que se utiliza para designar um sujeito; e, o predicado do sujeito, ou seja, o que se diz do sujeito, é o que podemos chamar de essência. Portanto, sujeito é a substância e o predicado a essência. A essência pode ser dividida em dois grupos: a essência propriamente dita, ou

12 Cf. ROSSET; FRANGIOTTI, 2012, p.23.

seja, os predicados sem os quais o sujeito não pode ser o que é. (por exemplo, o homem é um animal racional. Ora, sem a racionalidade, então, o homem não pode ser homem): o outro grupo é chamado de acidente, esse refere-se aos predicados que não interferem no ser substancial do sujeito (o homem é um animal racional, ser gordo ou magro, pardo ou branco, crespo ou de cabelo liso, não interfere no ‘ser homem’ do sujeito).

4.3 Ato e potência

A doutrina do ato e potência nos é apresentada por Luciano Rosset e Roque Frangiotti, no texto *Metafísica antiga e medieval*, de forma sutil. Num primeiro passo a percepção dos pré-socráticos sobre a existência de uma substância que era igual em todos os corpos; para uns era a água, o fogo, o ar, ou os três somados ainda a terra, para outro o ilimitado (*ápeiron*). Parmênides considerava a mudança impossível, o ser é, e não pode provir do não-ser pois esse não existe, e nem pode provir do ser, pois ele já é¹³. Platão afirma a mudança como reservada somente ao âmbito sensível, já que as formas são o ser, que para ele são imutáveis.

Aristóteles tenta resolver este problema com a seguinte doutrina: o ser é o que é, o que se apresenta, sendo deste modo o ‘ser em ato’, em outras palavras, ‘o ser sendo’. Porém, o filósofo apresenta uma noção não presente nos seus predecessores: o ser em potência; o ser em potência é aquilo que pode vir a se tornar ato. A semente é, potencialmente, uma árvore, nesse caso, ela se atualiza ao germinar e virar árvore. A madeira bruta é flecha em potência, mas só é em ato quando vira efetivamente uma flecha. Deste modo, o que é eterno e invariável é o que está sempre atualizado, ou seja, o primeiro motor imóvel, ou Deus, se assim for preferível chamar.

13 Cf. ROSSET; FRANGIOTTI, 2012, p. 66.

Para melhor compreender a substância, analisando-a, é possível distinguir no ente a forma e a matéria. Matéria (*hylé*), para Aristóteles, trata-se daquilo que o ente é ou está feito. É o constituinte da realidade sensível, e o substrato da forma. Forma seria a figura ou imagem dos corpos, aquilo que faz com que a coisa seja o que é. Neste sentido, a forma é a essência do ente¹⁴.

Para Rosset e Frangiotti (2012, p.74), o que preocupava realmente os antigos era o fato de a realidade estar ameaçada pela mudança o tempo todo. A instabilidade do real. O movimento que, ao passar o ser para outro estado, o torna algo que ele não era. Inimaginável para Parmênides, por exemplo. O movimento (*kínesis*) é o trânsito do ser; a passagem de um modo do ser ao outro, o que clarifica o ato e a potência de Aristóteles.

2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão que guia o pensamento de Aristóteles na filosofia primeira é a substância e, conseqüentemente, tudo o que a envolve. Ao longo do primeiro livro da metafísica de Aristóteles, encontramos um sistema lógico complexo e bem formulado. Partindo das sensações, o autor elenca, passo a passo, a forma como avançamos rumo ao saber; na medida em que memorizamos as sensações, aprendemos e ganhamos experiência, somos capazes de desenvolver uma técnica e de ensiná-la; depois que as primeiras técnicas - que não são voltadas a utilidade, mas ao lazer - foram inventadas, começam a surgir as ciências, que não voltadas nem ao lazer nem a utilidade; nesse ponto, Aristóteles inicia o trato com as ciências, e mais tarde, determina que são as ciências teóricas que precedem as demais, e

14 Cf. ROSSET; FRANGIOTTI. 2012, p.70.

entre elas a teologia precede as outras e é a ideal para estudar a substância.

Quando elenca a técnica a mais próxima da sapiência, ele o faz por considerar que as coisas mais universais estão mais próximas da sabedoria. Nesse aspecto, ele já está se preparando para falar da substância desde o primeiro capítulo do livro alfa. Para finalizar o livro alfa, o autor ainda nos traz alguns dos ditos filósofos pré-socráticos, e disserta sobre eles, que, como é sabido, buscaram compreender, de certo modo, a substância separada, mesmo que de um ponto de vista material.

A substância é aquilo de mais íntimo e fundamental presente no ente, e é separável, no sentido de que o ente, sem ela, não é o que é. As especificidades da substância já foram tratadas acima, mas é ainda necessário afirmar que ela tem caráter universal: aquilo que todo cavalo tem em comum, que, sem isso, não possa ser chamado de cavalo, isto é, uma característica universal que permite que os cavalos sejam cavalos. Deste modo, analisando todo o sistema lógico de Aristóteles, e a forma como ele elenca as precedências, fica claro que a substância é justamente o objeto de estudo guia da filosofia primeira.

Todo o pensamento aristotélico segue uma mesma linha racional que remete sempre a um fim em si mesmo. Ao longo de toda a filosofia primeira ele analisa e elenca as causas e os princípios primeiros, mas não deixa de direcionar suas reflexões a uma finalidade última também: assim como na obra “A Política” a finalidade, ou o bem em si, é a *polis*, na filosofia é a sabedoria. Ora, se a Filosofia Primeira precede todas as demais ciências em importância e é, portanto, suprema, é evidente que o fim em si mesmo que ela apresenta seja também o bem maior entre as finalidades, ou seja, a inteligência é, para Aristóteles, a finalidade mais divina e perfeita entre todas.

REFERÊNCIAS

ANGIONI, Lucas. Aristóteles, *Metafísica: Livro VII*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2002.

ANGIONI, Lucas. Aristóteles, *Metafísica: Livro I, II e III*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2008.

REALE, Giovanni. *Metafísica de Aristóteles II*. Trad. Marcelo Perine. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

ROSSET, Luciano; FRANGIOTTI, Roque. *Metafísica antiga e medieval*. São Paulo: Paulus, 2012.

PERSPECTIVAS

A coleção *Perspectivas* projeta-se sobre o horizonte como um farol a guiar aqueles que se propuserem e ousarem navegar os vastos oceanos do conhecimento. Os textos que integram este segundo volume representam com profundidade questões argutas e proeminentes da humanidade. Questões que causam incomodo e levam a reflexão. Em suma, questões que suscitam novas perspectivas sobre a vida e o mundo que nos cerca. Uma questão arguta e promitente é aquela que perpassa o senso comum e astuciosamente nos provoca. Nos desestabiliza. Nos leva a (re)considerar as bases que dão sustentação ao que conhecemos. Descartes, na filosofia; Newton, na ciência; Kafka, na literatura – entre outros – são exemplos de pensadores que se sentiram incomodados.

